

**Luiz Silva – ... E disse o velho militante José Correia Leite**

2<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Noovha América, 2007.

Mário Augusto Medeiros da Silva

No início da década de 1980, mais precisamente entre 1983 e 1984, um dos membros fundadores do coletivo de escritores *Cadernos Negros* – Luiz Silva, mais conhecido como Cuti – decide aplicar os conhecimentos adquiridos em um curso de História Oral. A idéia seria a coleta de um depoimento, com base naquela metodologia, uma vez que material semelhante no meio negro era escasso. O depoente escolhido foi José Correia Leite, uma figura histórica no meio e associações negras paulistas.

O velho Leite era já conhecido daqueles que começaram a reorganizar o movimento negro em São Paulo, na década de 1970. E muitos iam procurá-lo atrás de conselhos, orientações ou histórias do grupo negro, no período em que manteve atuação mais presente, na Imprensa Negra Paulista, entre 1924 e os anos 1960. Além disso, Correia Leite havia sido um dos informantes e fornecedor de dados para pesquisadores que alteraram o rumo dos trabalhos sobre o grupo negro no Brasil e as relações sociais racializadas. Dentre eles, pode-se citar Roger Bastide, Florestan Fernandes, Clóvis Moura, Miriam Nicolau Ferrara, Michael Mitchel. Leite também é um dos responsáveis pelo que sobrou dos jornais da Imprensa Negra Paulista, doados e microfilmados para Biblioteca Mário de Andrade.

Leite atua, assim, como um guardador da memória, coletiva e individual – para se pensar nos termos do historiador Phillippe Lejeune. Ele registra o surgimento da Imprensa Negra Paulista, na década de 1910; os primeiros jornais – como *O Menelik*, *O Xauter*, *A Liberdade*, *O Alfinete*; o início da agudização crítica desses jornais, com relação ao processo de Abolição e o papel de segunda ordem do negro na sociedade de classes – expresso em jornais dos anos 1920 e 30, como *O Clarim da Alvorada* (do qual Leite participava), *O Getulino*, *A Voz da Raça* –; e a constituição das primeiras associações organizadoras do meio negro paulista, chegando ao seu ápice em 1931, com a Frente Negra Brasileira (FNB). Correia Leite relata também o impacto do golpe do Estado Novo, em 1937, entre os negros (que, em meio a outras coisas, acaba com a FNB); a participação esquecida dos mesmos na

Revolução Constitucionalista de 1932, com a criação da Legião Negra, como forma de demonstrar a capacidade de luta do grupo negro e o compromisso dele, até então desconfiado pelas autoridades, com o estado de São Paulo.

O depoimento de Correia Leite é algo extremamente poderoso. Com ele, observamos a circulação de homens e mulheres pela cidade de São Paulo, até então invisíveis nos registros históricos, e o que eles fizeram. Ficamos sabendo que a herma de Luiz Gama, *Homenagem dos Homens Pretos do Brasil*, olhando ao longe no Largo do Arouche da capital paulista, foi fruto de peregrinações daqueles homens até o Cemitério da Consolação, aos túmulos de abolicionistas, como Gama, Antônio Bento e outros, nos aniversários de suas mortes. Que o Monumento à Mãe Preta, no Largo do Paissandú, também foi obra daqueles homens, engajados com uma luta anti-racista, muitas vezes se batendo contra os poderes públicos. Ou que o medalhão de Cruz e Sousa, ao lado da Biblioteca Mário de Andrade em São Paulo, é fruto de reivindicação do meio negro paulistano. E que também homens como Mário de Andrade, Oswald de Andrade ou Rossini Camargo Guarnieri, nesses momentos, demonstraram algum empenho com a causa.

Todavia, um traço do depoimento de Leite atravessa-o do começo ao fim: a luta do negro por reconhecimento social e político sempre esteve a seu próprio cargo. Mesmo contando com potenciais aliados, as dificuldades para organização do meio, a fugacidade dos trabalhos de algumas associações, o problema de arregimentar uma enorme massa de pessoas sem instrução formal e convencê-la da importância do que hoje chamamos de luta anti-racista são pontos que não escapam à sua memória. O começo e o fim dos jornais, pelo não pagamento das assinaturas; as lutas internas na orientação do meio negro – é curioso observar como ele rememora os embates da Frente Negra Brasileira com o seu grupo, do Clarim –; as dificuldades de manutenção dos endereços das associações, quase todas localizadas na região central da capital paulistana; o surgimento de uma Literatura e de um Teatro Negros, de escritores, atores e poetas orbitando as associações de luta do grupo negro: a luta do negro por uma *Segunda Abolição*, agora realmente dando condições aos descendentes de escravos e libertos, tudo isso não escapou àqueles homens e mulheres invisíveis que andaram por aí (para retomar o título e a idéia de um romance de Ralph Ellison).

Outro traço marcante na orientação do depoimento do velho Leite é a sua preocupação com o apartidarismo do meio negro. Desde a década de

1920, essa seria uma briga sua e de seu grupo, por acreditarem que a causa do negro é o próprio negro. E não alguma ideologia exterior, um *-ismo* à esquerda ou direita. O que pode soar estranho tem fundamento histórico: para Leite, toda vez que o grupo negro se reuniu em torno de algum político, partido ou causa que não era a sua, esteve fragilizado pelo personalismo, diluiu-se na estrutura partidária e foi facilmente desmantelado pelos poderes constituídos. Entre outras, essa é a sua crítica à orientação da Frente Negra, guiada por Arlindo Veiga dos Santos, que possuía simpatia pelo fascismo e pelo retorno da Monarquia. Ou os duros golpes sofridos em 1930, 1937 e 1964. De acordo com seu depoimento, o velho Leite manteve firme a opinião de que o negro deveria ocupar-se de si.

E aí entra um outro traço que coaduna com algumas expressões da Literatura emergente no meio negro: era quase unânime nas associações negras que os membros do grupo deveriam levar uma vida respeitável, para serem respeitados como cidadãos. Não beber, educar os filhos, não abandoná-los ou suas mulheres, tentar guardar algum dinheiro, não se preocupar apenas com diversões (bailes, esportes, associações de vida social apenas), comprar casas. Leite demonstra profunda mágoa com alguns clubes e associações recreativos, surgidos ao longo dos tempos, e que não possuíam quase nenhum apreço pela causa do negro. Esses elementos de tentativa da integração do negro à sociedade de classes, para falar com Florestan Fernandes, estiveram presentes nas formulações literárias de escritores como Lino Guedes, Gervásio de Moraes, de membros do Teatro Experimental do Negro no Rio de Janeiro (fundado em 1944) e em São Paulo, ou de Oswaldo de Camargo.

Tratando ainda de escritores, poetas e atores, com o depoimento de Leite ficamos conhecendo os nomes citados ao fim do parágrafo anterior. Nomes esparsos em trabalhos que se ocuparam em estudar a Literatura e o Teatro Negros no Brasil (como Bastide, Zilá Bernd, David Brookshaw ou Miriam Mendes Garcia). Ficamos sabendo de suas participações nas associações e nos jornais da imprensa negra (caso de Guedes, Moraes e Camargo). Ou da forma de publicação de alguns de seus livros. No caso do Teatro, conhecemos a divergência entre Abdias do Nascimento e Solano Trindade (o segundo partidário de um teatro folclórico e popular, diferentemente da proposta do primeiro, com quem Leite concorda: um teatro de denúncia, experimental e com um caráter pedagógico para o negro).

Descobrimos ainda que existiu um Teatro Experimental do Negro em São Paulo, estabelecido no Sindicato da Construção Civil do Estado. Essa versão paulistana do TEN carioca contou com a participação de nomes como Milton Gonçalves, Ruth de Souza, Nair Araújo, Jacira Sampaio (a Tia Anastácia da primeira versão do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* na televisão), entre outros. E que esse teatro, de vida curta, que era ligado à Associação Cultural do Negro de São Paulo, com Correia Leite, Raul Joviano do Amaral entre outros, à sua frente, teve o elenco responsável pela realização, em 1961, da peça *Quarto de Despejo*, baseada no livro homônimo, sucesso de vendas em 1960, da escritora Carolina Maria de Jesus (que o velho Leite conhecia desde os anos 1930, como poetisa).

Vale a pena tratar um pouco ainda da Associação Cultural do Negro (ACN), a última de que Correia Leite faz parte, antes de se aposentar do serviço público e da militância pela causa negra, por questões de saúde. A ACN foi fundada em 1954, dentro do período de redemocratização política da sociedade brasileira (1945-1964) e em que várias outras iniciativas semelhantes surgem, bem como há um florescimento da Literatura e do Teatro no meio negro. Mas o que chama atenção na memória de Leite sobre a ACN é o motivo do seu surgimento: a ausência do grupo negro nas comemorações, naquele ano, do Quarto Centenário da cidade de São Paulo.

A ACN era sediada na rua São Bento, ponto estratégico de passagem. Teve entre seus escritores revelados um autor como Oswald de Camargo, que publicou seu primeiro livro (*15 Poemas Negros*, em 1959), pela série Cadernos de Cultura Negra da ACN. Tornou-se referência para aqueles que queriam conhecer a história do negro pelo negro, pois, entre outras atividades, ocupava-se de realizar sessões comemorativas de grandes figuras para o meio negro. Ali se reuniam os antigos e novos jornalistas da Imprensa Negra Paulista. Foi ali também que Léon Gontram Damas, um dos criadores da idéia de negritude nos anos 1930, veio conhecer poetas negros, reunidos no livro editado pela Présence Africaine, *Nouvelle Somme de la Poesie du Monde Noir*, publicada em 1967 em Paris. Ali que sociólogos e críticos como Sérgio Milliet, Florestan Fernandes, Renato Jardim Moreira, Eduardo de Oliveira e Oliveira, entre outros, travaram conhecimento da organização do meio negro paulista e têm acesso a seus jornais e escritores. O fim da ACN, resta dizer, é algo melancólico. E hoje o que sobrou de seu acervo está depositado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no interior de São Paulo. Correia Leite dedicou-se, a partir daí, às artes plásticas.

Infelizmente, Correia Leite não viu publicação de seu depoimento. Morreu em 27 de fevereiro de 1989, aos 89 anos. A primeira edição do livro, publicada pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, só se concretizou em 1992. A teoria sociológica clássica da memória coletiva afirma, entre outras coisas, que a recuperação do passado serve a uma tentativa de compreender o presente. Esse traço está patente tanto no depoimento de Leite, como no trabalho de Cuti. Em ambos, a preocupação é percorrer o caminho das associações negras paulistas, seus jornais, escritores, poetas etc. para que se possa entender, nos anos 1980, a situação do negro no país. E, de certa forma, ter uma dimensão histórica capaz de fomentar discussões sobre a nova configuração do movimento negro, retomado ao fim da década de 1970.

*E disse o velho militante José Correia Leite* foi relançado em São Paulo, em julho de 2007, pela editora Noovha América, no Museu Afro-Brasil, no Parque do Ibirapuera, numa sessão dedicada a refletir sobre a Imprensa Negra, sobre a importância do depoimento do velho Leite. Cuti e Oswaldo de Camargo estavam à ocasião, rememorando a figura do velho militante, além de outros escritores, estudiosos e jornalistas. Um vídeo-documentário sobre Leite, sua vida e o lançamento do livro foi exibido. Vale uma crítica: o livro foi relançado com um intervalo de quinze anos entre a primeira e segunda edição, com formatos exatamente iguais. A ausência de índices onomásticos e remissivos se faz sentir, dada a multiplicidade de nomes, lugares e eventos citados no trabalho. Todavia, talvez, eis aí mais uma oportunidade para uma nova edição, em menos tempo, que corrija esses detalhes e amplie o público desse indispensável trabalho. Aliás, a reedição de obras clássicas sobre a trajetória do negro no Brasil, especialmente dos autores citados ao longo dessa resenha, está sendo devida pelas editoras universitárias e comerciais do país.

**Eduardo de Assis Duarte – *Machado de Assis afro-descendente***

*2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2007.*

Marisa Lajolo

A mulatice de Machado de Assis parece ter passado *em branco* em muitos estudos literários, que acompanham, nesse processo de despigmentação tex-